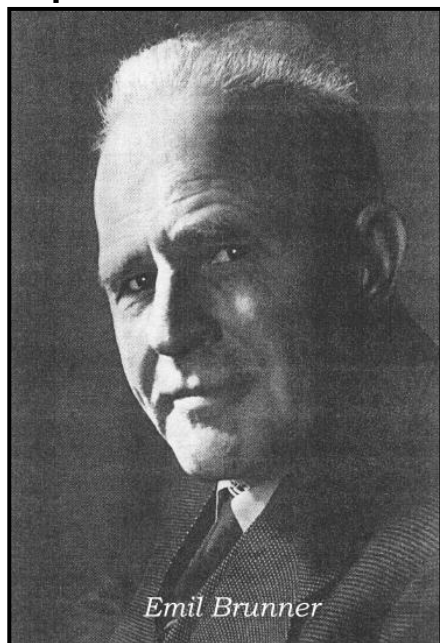




Brunner, Emil. *Dogmática*, vol. I, A doutrina cristã de Deus, trad. Deuber de Souza Calça. São Paulo: Editora Cristã Novo Século, 2004, 464 pp.

Heinrich Emil Brunner nasceu em 23 de dezembro de 1889 em Winterthur, na Suíça. Realizou seus estudos liceais em Zurique, formando-se em 1908.

Depois se dedicou aos estudos teológicos, primeiro em Zurique, depois em



Berlim e Nova York e finalmente de novo em Zurique, onde obteve o doutorado em teologia em 1913. De 1926 até sua morte (1966), foi professor de teologia em Zurique. Ministrou por um ano cursos de teologia em Princeton (1938 – 1939) e depois ensinou teologia no Japão por dois anos (1953 – 1955). Também dedicou grande interesse à ação pastoral e missionária. Durante muitos anos lecionou psicologia pastoral. Escreveu volumosos livros sobre problemas morais e sociais. Meditou longamente sobre as relações entre teologia e filosofia, entre fé e ciência. Também sentiu vivamente os problemas políticos de nossa época. Brunner fez sentir sua influência mais no exterior do que em sua própria pátria. O seu perfeito conhecimento da língua inglesa favoreceu a penetração do seu pensamento no mundo anglo-saxão. Todas as suas maiores obras, escritas originalmente em

alemão, foram prontamente traduzidas em inglês. Juntamente com Karl Barth lançou as bases da teologia dialética, que procurou corrigir as aberrações racionalistas do protestantismo liberal, repelindo todas as pretensões apresentadas pela razão no campo teológico através da filosofia, da psicologia, da história e da ciência, aceitando incondicionalmente a "alteridade" absoluta da Palavra de Deus.

O que é dogmática? No campo da doutrina a Igreja Cristã sempre reconheceu uma dupla tarefa: uma concernente à própria igreja; a outra concernente ao mundo exterior, o mundo da dúvida e da descrença. Embora, nos dias atuais, o conflito com os incrédulos e as falsas ideologias pareça mais urgente, a primeira tarefa é sempre fundamental. Pois como a Igreja pode fazer justiça ao seu chamado missionário num mundo não-cristão se ela mesma não tem clareza a respeito do conteúdo da mensagem? Ao longo de sua história a Igreja Cristã refletiu muito a respeito da base, sentido e conteúdo da mensagem que recebeu – e está comprometida a proclamar; este processo de reflexão é o que pretendemos por "dogmática" (p. 07).

Por que estudar dogmática? A dogmática não é a Palavra de Deus. Deus pode fazer sua Palavra triunfar no mundo sem a teologia. Mas numa época quando o



pensamento humano está muitas vezes tão confuso e pervertido pelas idéias e teorias extraordinárias, entretecidas pela própria mente dos homens, é evidente que é quase impossível preservar a Palavra Divina sem o esforço intelectual apaixonado para repensar seu sentido e seu conteúdo (p. 07).

Quem deve estudar dogmática? O cristão simples, é verdade, pode entender e preservar a Palavra de Deus sem a teologia; mas para aqueles cristãos que estão envolvidos com o pensamento de sua época, e que como filhos de sua geração, estão profundamente influenciados por estas correntes de pensamento num esforço inclusivo e através do qual repensar o que foi "dado" à fé é absolutamente indispensável (p. 07).

A dogmática de Brunner está subdividida em três blocos: O primeiro estuda as bases e a tarefa da dogmática; o segundo a natureza de Deus e seus atributos, e o terceiro a vontade de Deus.

Do primeiro bloco podemos levantar inúmeros pontos importantes estudados pelo autor, mas, creio que o principal seja o que chamam de doutrina do ponto de contato. Brunner acha que a revelação não foi dada por Deus apenas ao hebreu, mas aos homens como um todo, a Adão. Destarte, Deus teria se revelado a humanidade no ato da criação. Como ele explica isso? A revelação em Jesus Cristo e a revelação na palavra profética são históricas. Esta revelação histórica, entretanto, pressupõe uma revelação pré-histórica. Por que? A revelação na história é retrospectiva em seu caráter. Não é dirigida a um vazio no homem, mas, a uma falsa "plenitude". Não aponta para um ser ignorante, portanto, inocente, mas para uma criatura culpada, consciente de que tudo quanto não está certo consigo: numa palavra, é dirigida ao homem pecador. Mas pecado, como rompimento da relação entre Deus e o homem, pressupõe uma relação com Deus que precede tal ruptura, e um conhecimento de Deus que foi dado com esta relação, isto é, uma revelação original (p. 32s.). Brunner está correto. O que ele chama de revelação original podemos chamar de consciência. A consciência de todos os seres humanos carrega, mesmo que ofuscada pela queda, a revelação divina. Isso Paulo fala em Rm 2.14s.:

"De fato, quando os gentios, que não tem a Lei, praticam naturalmente o que ela ordena, tornam-se lei para si mesmos, embora não possuam a Lei; pois mostram que as exigências da Lei estão gravadas em seu coração. Disso dão testemunho também a sua consciência e os pensamentos deles, ora acusando-os, ora defendendo-os".

Em outra obra sua, Revelação e Razão, Brunner diz:

"Que no homem exista um ponto de contato para a graça divina da salvação é algo que não pode ser contestado por ninguém que reconheça que nem as pedras nem os troncos de árvore, mas apenas os sujeitos humanos, podem receber a Palavra de Deus e o Espírito Santo. O ponto de contato é evidente: é a imago Dei formal, que não foi retirada nem mesmo ao pecador, o ser humano do homem, a sua humanitas, com seus dois momentos característicos: a capacidade de receber a Palavra de Deus e de



ser responsável por ela. O fato de que o homem é um ser apto a receber a palavra, de que ele e só ele é um ser capaz de receber a Palavra de Deus, não lhe foi retirado nem mesmo pelo pecado. Só que essa 'receptividade' não deve ser entendida em sentido material. Com efeito, ela nada diz quanto ao dizer Sim ou Não à Palavra de Deus. Mas é simplesmente a aptidão formal ao 'interpelar'."

Essa doutrina fez chover acusações de heresia sobre Brunner. Barth e outros teólogos protestantes viram nela um retorno à posição católica e tomista da teologia natural.

No segundo bloco Brunner estuda a natureza de Deus e seus atributos. Desse bloco irei ressaltar sua análise sobre o amor de Deus. A afirmação "Deus é amor" aponta para o coração da mensagem do Novo Testamento, do evangelho cristão. Brunner chama nossa atenção para o fato de como no Novo Testamento tudo gira em torno do amor de Deus, no Antigo tudo gira em torno de sua santidade. O que a santidade de Deus tem a ver com o seu amor? Qual é a relação entre essas duas naturezas? A santidade gera distância, mas o amor gera comunhão. A santidade erige barreiras, o amor irrompe por meio delas. A santidade é a vontade que sustenta seus direitos, e reivindica glória, reconhecimento, soberania. O Deus santo fala assim: "Desejo ter tudo para mim mesmo; reclamo todas as coisas para mim". Mas o amor é o oposto de tudo isto. O amor diz: "tudo para você e nada para mim". Amor é rendição, sacrifício, renúncia das próprias pretensões serviço. A questão então é essa: como, então, podem existir as duas coisas ao mesmo tempo? Não existe um risco que se abraçarmos a ambas, pela afirmação de que ambas são natureza de Deus, nossa idéia de Deus pode ser infectada com um elemento de tensão que deve inevitavelmente destruir sua unidade? Brunner responde que, antes de tudo, devemos reconhecer que a Santidade é a pressuposição do amor que se doa livremente. Apenas aquele que nada deve ao homem, porque Ele é Criador e Senhor, em cuja presença todo ser humano pretende estar sossegado, porque tudo desde o princípio pertence a Deus, pode amar real e generosamente. Assim, então, também o veredicto de Deus sobre o homem pecador, a saber, que ele é um inimigo seu, um rebelde, alguém que é ímpio, é a pressuposição desse amor mais elevado, que ama o pecador, e concede a paz ao rebelde. Alguém que é pecador levando em consideração a vontade santa de Deus, que foi condenado pela santa Lei de Deus, é o indivíduo cujo pecado é perdoado, e a quem favor e graça são livremente doados. Apenas onde a Santidade de Deus e o juízo sobre o homem, que é seu resultado necessário, são levados a sério, podemos começar a perceber a insondável natureza do amor perdoador de Deus, e assim pode o amor ser compreendido como *Agape* (p. 248s.). Mas, a relação entre Santidade e Amor ainda é mais íntima. Já vimos que a santidade contém um duplo movimento para longe de Deus, pois Ele é Santo – e de atração a Ele, pois Ele é Amor. Como o Santo, Deus, deseja que sua santa vontade seja realizada na totalidade de sua criação humana, pelo fato de que seja obedecido livre e voluntariamente. Assim, Deus deseja que a criatura se torne cheia de sua própria natureza – que é o mesmo como seu desejo de partilhar a si mesmo, seu amor. A Santa vontade de Deus é cumprida na criatura em perfeita comunhão com Ele, o



Santo, e neste seu amor. A lei perfeita de Deus é apenas realizada onde seu Amor abate toda resistência, e onde seu próprio amor flui de volta para Ele dos corações do seu próprio povo. Apenas no fato de que Deus se dá totalmente em seu Filho aqueles que são seus tornam-se totalmente em sua propriedade. Assim a Santidade funde-se no Amor, e assim se tornam completos.

No terceiro bloco, Brunner aborda o tema da vontade de Deus. Vale aqui trazer a sua discussão sobre o problema da dupla predestinação. O autor diz que é particularmente importante para o teólogo reformado vir a termos com este problema, porque durante séculos esta doutrina tem sido considerada como doutrina típica das Igrejas Reformadas, não apenas em contraste com a doutrina da Igreja Católica, mas também àquela das Igrejas Luteranas. É verdade, é claro, que Lutero, em seus primeiros dias, e especialmente em sua controvérsia contra Erasmo, defendeu esta doutrina, mas depois, sem explicitamente renunciar esta visão. Deixou de adotá-la na prática. Possivelmente porque não estava plenamente consciente da extensão à qual sua visão mudara. Estimulou as pessoas a não devotar muita atenção ao tema da Predestinação. Em certo grau, portanto, seus sucessores estavam justificados em apelar para seu exemplo quando se esforçavam para contestar o ensino de Calvino, o qual, unido com Zwinglio, contém a mais cruel declaração da idéia da dupla Predestinação. Por outro lado, o veredicto da história, a saber, que na teologia reformada a doutrina da dupla Predestinação é o "dogma central", deve ser modificado, ao menos para esta visão. Brunner ressalta também que as idéias de dupla predestinação de Zwinglio e Calvino são distintas. Destarte, o autor passa a analisar a posição de Zwinglio. A doutrina da predestinação de Zwinglio é apresentada principalmente em seu grande sermão, *De Providentia*, pregado em Marburg. Seu ponto de partida mostra que aqui estamos lidando com a filosofia especulativa, e não com teologia cristã. Este ponto de partida, do qual tudo que segue é desenvolvido, é a idéia de Deus como o *Summum bonum*. Esta idéia não pertence à concepção de Deus e à revelação, mas àquela da especulação platônica. Isso o leva ao Panteísmo, como podemos ver nas suas declarações:

*"Desde que há apenas Um que é Incondicionado não pode existir Outro...
Disto segue... na visão do Ser e da existência que tudo deve, sem dúvida,
ser divinizado; pois essa é a natureza de todas as coisas".*

Depois disto a doutrina da Predestinação se desenvolve inteira e completamente, como foi inevitável, fora da doutrina de Deus como a Causa única de tudo que acontece. Nem mesmo a idéia do Mal afugenta Zwinglio deste argumento de "mentalidade tacanha". Pois ele diz que se um homem comete um crime, como nós o chamamos, essa é uma expressão imprópria. Pois aqui Deus está agindo, só podemos chamar sua ação de "crime", visto que não está sob a autoridade da lei. Se Deus é a Causa do pecado, e da condenação que isto incorre, então muito mais Ele é a Causa do Bem, e da salvação, para a vida eterna. Então, tudo é determinado na vontade de Deus. Brunner, diante do que foi exposto, comenta que "tudo isto nada tem a ver com a teologia cristã, mas é uma metafísica racional, parcialmente estóica em seu caráter, e parcialmente neo-platônica. A doutrina de Calvino sobre a Predestinação é



totalmente diferente, tanto em seu caráter como em sua origem. Não posso esperar para mostrar a doutrina da Predestinação de Calvino, entretanto, devo lembrar que a Bíblia não contém a doutrina da dupla predestinação, embora uns poucos textos isolados pareçam concluí-la. A Bíblia ensina que toda salvação está baseada na Eleição eterna de Deus em Jesus, e que esta Eleição eterna advém total e inteiramente da soberana liberdade de Deus. Mas onde quer que isto acontece, não há menção de um decreto de rejeição.

Essa Dogmática de Brunner é um material valiosíssimo para cristãos, seminaristas e teólogos. Brunner é um teólogo muito coerente e objetivo. Sua explanação é clara e de linguagem acessível. Apesar da obra ser de grande valia, a Editora Cristã Novo Século mostrou total incompetência de editoração, aliás, o que é uma constante em obras publicadas pela mesma. O livro foi preparado de forma tosca, com uma economia de folhas surpreendente, nem a última folha que protege o livro foi deixada. O índice está muito mal feito, inúmeros são os erros ortográficos, os termos em latim não foram traduzidos, falta um índice de assuntos, entre outras "gafes" editoriais. A própria Editora reconhece seus erros fazendo alterações nas segundas edições. Mesmo assim devo apontar o maior erro da Editora: não publicar os demais volumes da dogmática de Brunner. Aqueles que leram o primeiro volume estavam ansiosos pelos lançamentos dos restantes, todavia, a Editora lançou um "balde de água fria" nesses leitores. Eu mesmo liguei diversas vezes para a Editora perguntando pela data da publicação dos outros volumes, e me diziam que seriam publicados em breve... lá se vão dois anos. Livros que são lançados em volumes devem ser feitos com compromisso, pois do que adianta lermos apenas uma parte do pensamento de um autor? Eu, particularmente não gosto de possuir uma coleção incompleta. Por isso, deixo o meu pedido para a Editora Cristã Novo Século: que a Editora passa a respeitar os seus clientes e honre com os compromissos assumidos, caso contrário, o futuro da Editora será igual a de muitas outras que surgiram e desapareceram dentro de uns poucos anos.

Julio Fontana